



Mas, será a falta de rigor?



Teresa Marques

É incrível que Le Pen tenha passado à segunda volta nas eleições francesas. Porque será que a esquerda moderada está a perder eleitores? No *New York Times* (23 Abril) saiu um artigo sobre este assunto de Paul Krugman, chamado 'The Angry People', onde se questiona porque estão as pessoas zangadas e se viram para a direita extrema. Ele crê que não é por causa da economia, nem da paz nem da prosperidade. Tanto os Estados Unidos como a França estão bem nestes pontos. Segundo ele, as pessoas parecem estar incomodadas com a falta de valores e a incerteza. Em todos os países, a maioria incomodada da direita tem tido mais influência, em parte devido à falta de propostas e planos para o futuro da esquerda e à apatia dos moderados.

Ao ler o artigo de Krugman lembrei-me da polémica do embuste de Sokal, e perguntei-me se não haverá alguma relação entre os problemas que a esquerda está a atravessar e a motivação de Sokal para desmascarar um certo tipo de prática académica em voga há, infelizmente, muitos anos. Sokal é um físico da Universidade de Nova Iorque. Ele, como muitas outras pessoas no meio académico, sente-se incomodado pelo declínio dos padrões de rigor intelectual em certos centros académicos. Posso acrescentar que tal declínio ocorre muito mais na Europa que nos Estados Unidos. Para testar os padrões intelectuais, Sokal fez uma experiência. Como ele diz no texto em que revela o embuste, 'A Physicist Experiments with Cultural Studies', será que uma revista norte-americana da ponta na área dos estudos culturais publica um artigo recheado de disparates sem sentido desde que o artigo só tem e elogia os preconceitos ideológicos dos

editores? A resposta a esta pergunta é: sim. Sokal enviou para a revista *Social Text* um texto realmente cheio de disparates, uma paródia do princípio no fim, fazendo analogias e extraíndo conclusões mirabolantes a partir de algumas teorias ou teses científicas. A paródia devia ser evidente. Os editores deviam ter sido capazes de ver que aquilo não podia ser a sério. Mas não foram, e publicaram em 1996 o texto de Sokal "Transgressing the boundaries: Toward a Transformative Hermeneutic of Quantum Gravity". (em português, transgredindo as fronteiras: para uma hermenéutica transformativa da gravitação quântica).

A motivação de Sokal para este paródia tem duas vertentes sérias. A segunda é aquela que se aplica directamente à recente viragem à direita pela Europa. Mas apresento-vos a primeira também:

1) O que preocupa Sokal é a proliferação não apenas do absurdo e do pensamento confuso e mal-orientado *per se*, mas a proliferação de um tipo particular de absurdo e pensamento confuso: um que nega a existência de realidades objectivas, ou (se questionado) admite a existência de realidades objectivas mas nega a sua importância na prática. Como ele diz "o relativismo epistemológico em nada ajuda a aprofundar a discussão dos problemas". O subjectivismo e a atitude pós-moderna que "tudo é texto e construção" tem o efeito de se perder a preocupação com o mundo real e se negligenciar a própria coerência lógica. Ser incompreensível tornou-se uma virtude. Mas esta atitude dos intelectuais tem efeitos políticos gravíssimos. Daí a segunda motivação de Sokal.

2) Diz Sokal que "politicamente estou zangado porque (apesar de não ser toda) a tutela académica emana da auto proclamada esquerda. Estamos a testemunhar um importante *volte-face* histórico. Durante os dois séculos que passa-

rom, a esquerda identificou-se com a ciência e contra o obscurantismo; acreditámos (a propósito, Sokal é de esquerda) que o pensamento racional e a análise distanciada da realidade objectiva (natural e social) são instrumentos incisivos para combater as mistificações e o obscurantismo promovidos pelos poderosos — além do mais, esses objectivos são desejáveis em si mesmos. A viragem recente dos humanistas de esquerda para o relativismo epistemológico trai esta herança nobre, e inibe a possibilidade de uma progressiva crítica social. Fazer teorias sobre a "construção social da realidade", quando se rejeitam as noções de verdade e falsidade, não nos ajuda a descobrir um tratamento para a SIDA, a prevenir o aquecimento global, ou a combater ideias falsas na história, sociologia, economia e político. A experiência (com a publicação de paródia) revela que muitos sectores da esquerda americana se tornaram intelectualmente preguiçosos." Na realidade, a esquerda moderada na Europa também se tornou não só intelectualmente preguiçosa, como irresponsável. É isso que é lamentável, pois os valores e objectivos da tradição da esquerda moderada tradicional, da igualdade de direitos e oportunidades, da liberdade, do valor do pensamento racional, por exemplo, são valores e objectivos louváveis.

É este ponto que é preocupante. A influência nefasta da falta de rigor e objectividade dos intelectuais na vida política há algum tempo que se faz sentir, e começo agora a ter eleitos eleitorais. Os eleitores seguirão com mais facilidade qualquer partido ou líder que proclame soluções drásticas, mesmo que erradas, quando se apercebem da falta de objectivos a longo prazo e irresponsabilidade de quem detém o poder. Pode ser que o receio de perder o poder obrigue eventualmente os políticos a reverem as suas atitudes e práticas. Mas, sinceramente, creio que os resultados eleitorais em França têm a mesma causa que o mal estar nos meios académicos: falta de rigor, seriedade e objectividade.

Um despertador



Álvaro Monjardino

O levante começou em França logo que se soube o resultado da 1ª volta das presidenciais, e tem-se alargado ao resto da Europa, tanto em manifestações de rua como em declarações públicas, objurgatórias, artigos de opinião e até reportagens. Sabido que nada disto substitui o voto (o Partido Comunista e seus simpatizantes que o digam) resta a ideia de que 1/5 do eleitorado francês se manifestou a favor de dois candidatos xenófobos, racistas e anti-sistema. Coisas que a liberdade permite. Não creio que as manifestações, as declarações, as objurgatórias, os artigos ou as reportagens consigam obscurecer esta verdade. É evidente, em qualquer caso, que ela assustou. E mais assustaria se o número de votantes fosse maior, porque então (e só então) se poderia dizer que estava seriamente em causa o dito sistema. Assim, os votos na extrema-direita são um aviso, que porventura funcionará como uma espécie de despertador. As manifestações, as declarações, as objurgatórias, os artigos e as reportagens valerão principalmente como sinais do despertar. O resultado disto tudo é que a 2ª volta de domingo que vem será um teste à frente dita republicana formada no desespero da esquerda e no desconforto da direita. Tudo indica, por isso, que o candidato Chirac seja reeleito. O problema vem depois. Nas legislativas de Junho próximo. Aí se verá se os assustados de agora, desfeita a frente presidencial, ganham ou não verdadeiro alento — que até domingo passado lhes faltou — para uma escolha clara dos franceses entre uma esquerda e uma direita democráticas. E assim os ora amaldiçoados candidatos extremistas (e o seu eleitorado, sobretudo este) terão prestado um alto serviço ao país, quem sabe se à Europa. Fazendo acordar — e mostrando que há mesmo muita coisa a corrigir.

A Paz!, a Paz...



Nuno Bessa *

O passado dia 11 de Setembro parece ter-se tornado num marco da história mundial. Resta saber um marco de quê, se de um mundo de segurança à imagem da visão orwelliana, se um mundo decente, gerido por princípios e valores de democracia, justiça e tolerância, onde o direito internacional é respeitado e aplicado, independentemente de quem ou de quê.

Infelizmente, parece que o 11 de Setembro foi o primeiro dia dum a marcha em direcção a uma obsessão securitária e liberticida. Fruto de tensões recentes, é hoje possível um cidadão estrangeiro, ainda que residente, ser detido nos Estados Unidos por tempo indeterminado, sem ter culpa formada e sem acesso a advogado, desde

que sobre ele recaia a suspeita de ser terrorista. Por outro lado, poderão ser objecto de processo crime todos aqueles que não notifiquem as autoridades acerca de indivíduos sobre os quais possam recair *suspeitas razoáveis* de poderem vir a cometer um acto terrorista. Seja lá qual for o significado daquele termo.

Isto é o que se passa na terra proclamada como expoente das liberdades. Estas são as medidas cuja versão *light* tem sido aplicada noutras países ocidentais; estas são as medidas que orgulhariam qualquer ditadura obscura a deveriam fazer correr qualquer democrata de bom-senso. A legitimização da insensatez corre do facto de se ter vendido a ideia que o mundo atravessa uma guerra a preto e branco. Uma guerra contra o terrorismo, onde não pode haver meio tom: ou se está a favor ou contra. Ou se pertence aos bons, ou adiante.

Ao invés, o 11 de Setembro poderia ter sido o primeiro passo para a construção dum mun-

do decente, onde as relações internacionais não fossem subjugadas pela hipocrisia das nações e da *lei do mais forte* mas, outrrossim, reguladas pelo direito internacional e por instituições legítimas, como as Nações Unidas. Para isso, teríamos que ter aprendido algo com esse atroze atentado. Desde logo, como a generalidade dos analistas salientou, deveríamos ter aprendido que era altura de pôr fim ao problema palestiniano. Ao invés, assistimos ao mais puro terror de Estado, legitimado (supremo cinismo!) pelo combate ao terrorismo. O mundo tem assistido relativamente impeditivo à eliminação de civis por militares altamente treinados e equipados, à destruição maciça de cidades e vilas e, pasma-se, ao cerco da igreja tida como o berço do nascimento do Menino Jesus.

Sob o manto do *combate ao terrorismo*, é possível a Israel, com a complacência dos media mundiais, fazer aquilo que, no caso dos Indonésios e de Timor Lorosa'e, todos condenaram: invadir, colorizar e oprimir e suprimir um povo que tem todo o direito a ser independente. Pergunto: se os interesses norte-americanos fossem tão convergentes com a Indonésia como o são com Israel, será que a Xanana Gusmão não estaria reservado o mesmo papel que a Arafat?

nospumadosdias@clix.pt

* Psicólogo Social e do Trabalho,
Docente do Ensino Superior

